

## *Lectio divina* da parábola do pai misericordioso

Os evangelhos canónicos guardam uma narração que, pela arte literária magistral e pela profundidade de conteúdos humanos e espirituais, provoca o leitor a diversas abordagens analíticas. É a chamada parábola do filho pródigo, a pérola das parábolas de Jesus, exclusiva do evangelho de Lucas<sup>1</sup>. Nesta homenagem ao Professor Doutor Joaquim Carreira das Neves e tendo também «presente» a amizade de colegas que desde 1978 nos liga com laços comuns à Faculdade de Teologia em Lisboa, propomo-nos aqui entrar nos vários níveis de sentido desta parábola, seguindo o método clássico de ler a Bíblia que é a *lectio divina*.

Nas lições ministradas na Universidade, especialmente em seminários e mestrados, vamos pondo em prática esta metodologia hermenêutica. Não é incompatível com os métodos histórico-críticos e literários, nem com outras abordagens recentes. Pelo contrário, no «degrau» da *lectio* propriamente dita, primeira fase da interpretação do texto bíblico, a *lectio divina* absorve todos os métodos usados para a compreensão crítica do texto. Para aceder ao seu sentido teológico com o devido rigor exegético, ela recorre aos comentários mais especializados. Assim, não só não passou de moda, mas está de volta à hermenêutica bíblica. Não reduz nem abafa a profundidade da análise científica praticada na Universidade. Aproveita-a e dá-lhe continuidade. E até lhe imprime maior impulso e alcance, sugerindo que a análise crítica, diacrónica ou sincrónica, por muito importante e indispensável que seja, só é um

---

<sup>1</sup> Cf. R. LLAMAS, «Valores espirituales del evangelio de San Lucas», *Revista de espiritualidad* 43 (1984) 272-273.

primeiro momento da interpretação cada vez mais fiel das Escrituras. A *lectio divina* deixa entender que «a interpretação da Sagrada Escritura é infinita»<sup>2</sup>. «É necessário ir cada vez mais longe» – escrevia Orígenes ao comentar as sucessivas etapas da peregrinação de Israel no deserto do Sinai. «Mesmo que consigas uma meta boa, deves caminhar para outras melhores», até «chegares ao Rio de Deus, às correntes da sabedoria, nas quais fiques inundado pela ciência divina», «até chegares à terra prometida», «guiado por Jesus Cristo, nosso Senhor», «até ao Pai»<sup>3</sup>.

Esta recomendação do fundador da ciência bíblica, do mais fecundo doutor da escola exegética alexandrina, que contribuiu para estabelecer as premissas do duplo sentido das Escrituras (o *literal* ou histórico e o que se chamou *espiritual*), comoverá possivelmente o Padre franciscano homenageado com este *escrito festivo* (*Festschrift*). De facto, está agora na fase das sínteses, depois de ter cortado muitas «metas boas» no seu percurso universitário de investigador, docente, conferencista e comunicador. Está no tempo maduro da sabedoria, que se congraça tão bem com a exegese científica como com a *lectio divina*. Essa sabedoria contemplativa, já apanágio do Professor Joaquim Carreira das Neves, pode levá-lo «mais longe» na sua predilecta tarefa da interpretação da Bíblia<sup>4</sup>.

Dizendo isto, não podemos passar por alto o facto de ter sido o Orígenes da crítica textual bíblica nas famosas *Héxapla* aquele que primeiro usou a expressão grega *theía anágnōsis*, que em latim soa como *lectio divina*. O grande mestre na interpretação das Escrituras, que fez a primeira grande reflexão sobre o problema hermenêutico dentro do mundo cristão (186-254), numa carta que escreveu a um seu discípulo, dirigiu-lhe este premente convite: «Dedica-te com perseverança à *lectio* das divinas Escrituras... Entregando-te assim à *theía anágnōsis*, procura com lealdade e inquebrantável confiança em Deus o sentido das divinas Escrituras, oculto à grande maioria

<sup>2</sup> J. E. ERIÚGENA, *De divisione naturae*, livro II, 20; PL 122, col. 560. Cf. P. C. BORI, *L'interpretazione infinita. L'ermeneutica cristiana antica e le sue trasformazioni* (Saggi 326; Mulino, Bologna, 1987) 159.

<sup>3</sup> ORÍGENES, *Homélies sur les Nombres*, homilia 27, 11-13: texto em «Sources chrétiennes» 29, pp. 537-557, passim.

<sup>4</sup> Para bibliografia em português sobre a *lectio divina*, remetemos para A. dos S. VAZ, *Entender a Bíblia – Viver a Palavra: com o método da lectio divina* (Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2004). Veja também A. CARFAGNA - P. F. R. DE GASPERIS, *Prendi il libro e mangia! Un aiuto alla lectio divina del Primo Testamento*, 4 volumes (Dehoniane, Bologna, 1999-2003).

das pessoas. Não te contentes com chamar e buscar, porque é absolutamente necessária a *oratio*, a fim de compreender as coisas de Deus»<sup>5</sup>.

Torna-se sugestivo para os biblistas de hoje o facto de ter sido a partir deste primeiro grande exegeta cristão que se desenvolveu, aperfeiçoou e estruturou o método da *lectio divina*, como dizendo que esta engloba a exegese e vai para além dela. No tempo de Orígenes, a *lectio divina* estava ainda longe da configuração estrutural e metodológica que alcançaria na Idade Média. Mesmo assim, ele já a apresentou com as notas essenciais que a caracterizam: estudo minucioso do texto bíblico (*lectio*), busca perseverante do seu profundo significado para a pessoa (*meditatio*) e a consciência de que a *lectio* e a *meditatio* unem o seu vértice e o seu fruto na *oratio* e na *contemplatio* ou «compreensão das coisas de Deus». Por o Professor Carreira das Neves reunir na sua pessoa todas estas potencialidades da *lectio divina*, dedicamos-lhe, com lealdade e apreço, o desprezioso exercício desse método na leitura da parábola do pai misericordioso, em *Lucas 15,11-32*.

## 1. Leitura compreendida (*Lectio*)

15,1 Todos os publicanos e pecadores se aproximavam dele para o ouvirem. 2 Os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo: Este acolhe os pecadores e come com eles. 3 Propôs-lhes então esta parábola:... 11 «Um homem tinha dois filhos. 12 O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte dos bens que me corresponde”. E o pai repartiu os bens entre os dois. 13 Poucos dias depois, o filho mais novo, juntando tudo, partiu para uma terra longínqua e por lá esbanjou tudo quanto possuía, vivendo dissolutamente. 14 Tendo gasto tudo, houve grande fome nesse país e ele começou a passar privações. 15 Então foi pôr-se ao serviço de um dos habitantes daquela terra, o qual o mandou guardar porcos. 16 Bem desejava ele encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. 17 Então, caindo em si, disse: “Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância e eu, aqui, a morrer de fome! 18 Levantar-me-ei e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e contra ti, 19 já não sou digno de

---

<sup>5</sup> Cf. M. MASINI, *La lectio divina*. Teología, espiritualidad, método (Estúdios y ensayos: BAC Espiritualidad 18; Madrid, 2001) 7-13, onde se encontra esta citação e ulteriores referências. Também aí se pode seguir o desenvolvimento da história da *lectio divina* ao longo dos séculos.

ser chamado teu filho, trata-me como um dos teus jornaleiros”.  
20 E, levantando-se, foi ter com o pai. Ainda estava longe quando o pai o viu; e entranhadamente comovido, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. 21 O filho disse-lhe: «Pai, pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno de ser chamado teu filho». 22 Mas o pai disse aos seus servos: “Trazei depressa a mais bela túnica e vesti-lha; ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. 23 Trazei o vitelo cevado e matai-o; façamos festa com um banquete, 24 porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e encontrou-se”. E a festa principiou. 25 Ora, o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se de casa, ouviu a música e as danças. 26 Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. 27 Disse-lhe ele: “O teu irmão voltou e o teu pai matou o vitelo cevado, porque chegou são e salvo”. 28 Encolerizado, não queria entrar. Mas o pai saiu e instava com ele [para que entrasse]. 29 Respondendo ao pai, disse-lhe: “Há já tantos anos que te sirvo sem nunca transgredir uma ordem tua e nunca me deste um cabrito para me alegrar com os meus amigos; 30 mas agora, ao chegar esse teu filho que consumiu os teus bens com meretrizes, mataste-lhe o vitelo cevado”. 31 O pai respondeu-lhe: Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. 32 Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi encontrado».

O primeiro ‘tempo’ da *lectio divina* procura descobrir que mensagem queria comunicar este texto bíblico aos leitores imediatos. Ela irá emergindo ao longo do itinerário gradual da *lectio divina*. Mas, para que tal aconteça, é preciso ter consciência do género de texto usado para a comunicar.

Quanto a isso, não há dúvida: estamos perante uma *parábola*, a forma literária mais distintiva da comunicação de Jesus com os seus ouvintes<sup>6</sup>. De facto, o seu ensino através de parábolas é mais significativo do que o ministrado através de discursos. O relato em forma de parábola vê a verdade da vida em imagens concretas. Por estar em forma de história e por recorrer a imagens e figuras, tem um impacto indelével na memória, na imaginação e nos sentimentos do ouvinte.

Na sua forma mais simples, a parábola é uma *metáfora* ou comparação tomada da natureza ou da vida diária, que atrai o

---

<sup>6</sup> Sobre a história da interpretação das parábolas, veja a síntese de J. DRURY, «Parable», *A Dictionary of Biblical Interpretation* (eds. R. J. COGGINS - J. L. HOULDEN) (SCM - Trinity Press International, London-Philadelphia, 1990) 509-511.

ouvinte pela sua vivacidade ou singularidade, estimulando a mente à reflexão activa: «não se consegue esconder uma cidade situada no cimo de um monte»<sup>7</sup>. Mas esta simples metáfora pode converter-se num *quadro*: «nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro; assim alumia a todos os que estão em casa» (Mt 5,14-15). Também pode suceder que a metáfora ou a comparação adopte forma de relato. É a mais conhecida forma de parábola e a que temos aqui.

As parábolas típicas e mais célebres, elaboradas num relato extenso, concentram-se no seu sentido global. Diferenciando-se relativamente à *alegoria*, nem todos os seus pormenores têm um significado especial ou independente da grande verdade religiosa que querem comunicar através da estrutura geral da narrativa<sup>8</sup>. A clave para a interpretação consiste em julgar no seu todo a situação imaginada e não em decifrar cada elemento do relato, como faz a alegoria. Assim, não é preciso indagar o significado das alfarrobas ou dos porcos nesta parábola ou o das cinco juntas de bois na parábola do banquete (Lc 14,15-24): o seu sentido está ao serviço da construção da mensagem central ilustrada pelo conjunto narrativo.

---

<sup>7</sup> A *metáfora* «transporta mais além [*metaféreïn*]», só apoiando-se no sentido directo. Quando professo que «Deus é o meu baluarte» (Sl 31,4), não me represento a altura, a fortaleza ou o tamanho de um alcácer, mas detenho-me em Deus e na ideia claramente aludida de segurança, de fidelidade e lealdade, por sua vez objecto de uma experiência anterior. A *metáfora* atribui «transportando» algo conhecido – qualidade, forma de ser – de um ponto para outro. A segurança, característica do baluarte, transporto-a para Deus. A *metáfora* é uma comparação, pondo em relevo a semelhança ou correspondência entre duas coisas ou sujeitos.

<sup>8</sup> A *alegoria* «diz outra coisa [*allé-agoréuo*]», transladando um «segundo sentido» para um «primeiro sentido»: envolve um sentido – conhecido! – numa roupagem comum que tem uma significação óbvia e corrente. A alegoria parte de uma coisa conhecida para terminar numa figura, que, por sua vez, remete o ouvinte ou leitor para algo conhecido, lido *a partir da imagem*. Esta última nota é essencial. A alegoria é um recurso para interpretar acontecimentos, realidades ou pessoas que se conhecem ou se fazem conhecer por uma «explicação». De cada um dos seus elementos, a alegoria *traduz* um segundo sentido (anterior!) *para* um primeiro sentido, que é o da forma literária. Na alegoria de João 15, cada elemento de uma suposta narrativa sobre uma vinha cultivada pelo agricultor, conhecida pelo ouvinte, é traduzido por Jesus: «Eu sou a verdadeira videira, o meu Pai é o agricultor..., vós sois os ramos». A relação das vides com a cepa cultivada «remete» para a necessária comunhão de Jesus com os discípulos na pessoa do Pai. Cf. J. C. das NEVES, *Jesus Cristo. História e mistério* (Franciscana, Braga, 2000) 198-199; e J. S. CROATTO, *Experiencia de lo sagrado. Estudio de fenomenología de la religión* (Guadalupe-Verbo Divino, Buenos Aires-Estella, 2002) 89-93.

Na parábola narrativa esses detalhes permanecerão estritamente subordinados ao realismo dramático e à unidade do relato<sup>9</sup>.

Enquanto a *semelhança* apresenta uma situação típica ou regular e a imagem aparece invariável como aquilo que lhe é próprio e universalmente válido (é próprio do fermento levedar a farinha e é próprio do pai dar coisas boas aos filhos<sup>10</sup>), a parábola narrativa visa surpreender o leitor com uma situação estranha e fora do comum: um patrão que paga o mesmo salário por uma e por doze horas de trabalho, um proprietário que elogia a astúcia desonesta, um pai que acolhe em festa o filho esbanjador e debochado. E geralmente é provocante e inesquecível, para forçar o receptor a interpretá-la e a tomar posição inevitavelmente, envolvendo-o nas redes da narrativa, sem que ele se aperceba; convida-o a intervir na situação descrita, desafiando-o directa ou implicitamente a emitir um juízo sobre ela<sup>11</sup>. O ouvinte abre-se de bom grado à linguagem da parábola, por estar em forma de história. Com complacência toma partido por uma ou outra personagem, como se fosse um bonito jogo em que entra, sem perceber bem até onde poderá ser levado<sup>12</sup>.

Por meio da parábola, quase sem querer, descobrimo-nos tal como somos. Ela interpreta-nos. Por um lado, podemos considerá-la um espelho onde nos revemos com as nossas rugas e os nossos pontos sombrios; por outro, ela é como um potente foco de luz que ilumina a nossa mais íntima verdade e aspectos obscuros da nossa vida, por vezes, desconhecidos, porque os nossos mecanismos de defesa não lhes permitem aflorar à superfície.

---

<sup>9</sup> Existe um problema na interpretação das parábolas de Jesus, que é o dos possíveis estratos na transmissão das mesmas: o estrato da proclamação original da parábola por Jesus defronte dos seus ouvintes, o estrato do seu anúncio na pregação apostólica e o estrato redaccional dos evangelistas, dependentes da tradição oral. A despeito da pretensão exegética de recuperar as parábolas pronunciadas pelo próprio Jesus histórico, os critérios hermenêuticos para essa tarefa têm sido demasiado genéricos e subjectivos. Veja-se a tentativa de destrição feita por J. JEREMIAS, *Las parábolas de Jesús* (Buena noticia 4; Verbo Divino, Estella, 1981) 13-142. Cf. a sua edição abreviada: *Interpretación de las parábolas* (Buena noticia 12; Verbo Divino, Estella, 1982) 7-100.

<sup>10</sup> Cf. Mt 13,33 e Lc 14,11-13.

<sup>11</sup> Cf. J. D. CROSSAN, «Parables», *The Anchor Bible Dictionary*, V (ed. D. N. FREEDMAN) (Doubleday, New York-London-Toronto-Sydney-Auckland, 1992) 150-152; N. LONGENECKER (ed.), *The Challenge of Jesus' Parables* (Eerdmans, Grand Rapids, 2000).

<sup>12</sup> Veja como as parábolas actuam nos seus ouvintes e leitores, em D. O. VIA, *The Parables: Their Literary and Existential Dimensions* (Fortress Press, Philadelphia, 1967).

A força significativa de uma parábola vê-se de forma exemplar na parábola que o profeta Natán conta a David (2 Sm 12,1-14). Ela tem efeito fulminante sobre o rei, que a um dado momento ficou literalmente 'tramado', isto é, preso na rede do tecido narrativo, não podendo fugir à evidência da injustiça (adultério) e do crime (assassínio) cometidos. O rei cai na esparrela que a parábola lhe arma para o fazer reconhecer o seu pecado. Ao julgar esse crime com indignação, David viu-se devolvido ao seu próprio mundo, para constatar que a trama do relato era um pedaço da sua própria vida<sup>13</sup>. A arte literária da parábola permite que não apareça Deus a condenar o homem mas seja o homem a julgar-se a si próprio e a reconhecer o seu pecado. Não só revela o modo de agir de Deus em relação a nós, mas também desmascara o nosso comportamento<sup>14</sup>.

As parábolas de Jesus, sem pretenderem condenar nenhum género de ouvintes – «quem me rejeita e não aceita as minhas palavras tem quem o julgue: a palavra que eu anunciei, essa é que o há-de julgar no último dia» (Jo 12,48) –, têm a mesma finalidade: comprometem o ouvinte com uma pergunta implícita ou explícita: «Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Disse ao primeiro: filho, vai trabalhar hoje para a minha vinha. Ele respondeu: não vou. Mas depois mudou de ideia e foi. Disse o mesmo ao segundo. Ele respondeu: vou, senhor. Mas não foi. Qual dos dois cumpriu a vontade do pai?» (Mt 21,28-31).

As parábolas eram uma forma didáctica que induzia os ouvintes a pensarem de novo a sua relação com Deus. Segundo elas, Jesus inaugurou um mundo novo e um regime novo, o reino de Deus: cada pessoa entraria nele aderindo a Deus como Pai. Elas sugeriam superar a forma demasiado humana de ver Deus, baseada no mérito e demérito relativamente ao cumprimento da Lei e das tradições. A parábola dos chamados para trabalhar na vinha (Mt 20, 1-16), que põe o proprietário a pagar por igual aos que mourejaram o dia inteiro e aos que trabalharam só uma hora, mostra que Deus tem critérios de relacionamento com os humanos, que, sem caírem na injustiça, superam as medidas e as balanças dos homens. A justiça de Deus não assenta em leis de equidade distributiva, comuta-

---

<sup>13</sup> Cf. D. MARGUERAT - Y. BOURQUIN, *Pour lire les récits bibliques. La Bible se raconte*. Initiation à l'analyse narrative (Cerf - Labor et Fides - Novalis; Paris-Genève-Montréal, 1998, 2002<sup>2</sup>) [na versão espanhola: *Cómo leer los relatos bíblicos*. Iniciación al análisis narrativo (Presencia teológica 106; Sal Terrea, Santander, 2000) 39.

<sup>14</sup> Cf. F. CONTRERAS MOLINA, *Un padre tenía dos hijos (Lucas 15,11-32)* (Verbo Divino, Estella, 1999) 41-44.

tiva ou reivindicativa e só tem um nome: amor e misericórdia. Isso sobressai na parábola de outro dueto: a do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14). É também o que revela de Deus a parábola do pai misericordioso, em que o filho mais velho está para o fariseu como o filho pródigo está para o publicano.

Aliás, esta, como todas as parábolas, não visa só fazer pensar e comunicar novas ideias teológicas. Pretende mover os ouvintes a tomarem posição diante de Jesus, que, por meio dela, oferecia uma nova oportunidade de felicidade<sup>15</sup>. Com efeito, a parábola não exerce o mesmo impacto no ouvinte ao ser sintetizada em alguns conceitos abstractos. A mensagem passa pela história em si, isto é, pela narrativa enquanto parábola<sup>16</sup>, pelos sentimentos que desperta, pela situação dramática em que o pai manifesta o seu amor, seja no momento em que acolhe o filho decaído, seja no momento em que enfrenta a ira do filho obediente<sup>17</sup>.

## 2. Meditação (*Meditatio*)

Na meditação, que também interpreta a parábola, o primeiro a ter em conta é considerar a narração como um pedaço da *minha* vida real, pensar que ela me diz respeito<sup>18</sup>. Ela torna-se eficaz quando nos deixamos interpretar por ela, quando nos identificamos com as atitudes das personagens, quando entramos no seu jogo, que não é um jogo cândido mas o jogo da nossa verdade. Pode, pois, ser vista como a história da minha vida, a história de Deus comigo, emergente do tecido de toda a narrativa, especialmente das atitudes do pai para com cada filho.

**O filho mais novo**, ambicioso, queria ganhar tudo. Mas, fazendo a aposta errada, perdeu tudo. A «partida para um país longínquo» sugere bem a enormidade da ruptura da comunhão com o pai<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> Cf. J. C. das NEVES, *Jesus Cristo. História e mistério* (Franciscana, Braga, 2000) 200-203.

<sup>16</sup> «As Sagradas Escrituras recordam que as palavras têm um extraordinário poder para unir as pessoas ou dividi-las, para criar vínculos de amizade ou provocar hostilidade»: Mensagem do Papa JOÃO PAULO II para o dia das comunicações sociais, no ano 2005.

<sup>17</sup> Cf. V. FUSCO, «Narrazione e dialogo nella parabola detta del figliol prodigo», *Interpretazione e invenzione* (ed. G. GALLI) (Genova, 1987) 33.

<sup>18</sup> Cf. C. H. Dodd, *Las parábolas del reino* (Epifanía 6; Cristiandad, Madrid, 1974) 21-32.

<sup>19</sup> Na lógica da parábola, todavia, o «país distante» pode ser geograficamente perto: ao lado, na mesma casa. É o distanciamento em relação ao «próximo», por falta de união filial, fraterna, paterna, materna, amigável, afectiva...

Longe, a vida tornou-se duríssima, ao ter de se ajustar às trituradoras leis do mundo. Fora do calor e do aconchego do lar paterno, atolou-se na abjecção e sorveu a goles o amargo dos ídolos de morte; e os bens recebidos do pai, porque não foram usados ao serviço da felicidade em união de vida com ele, mas contra a vontade dele, sumiram-se.

Chegado ao fundo do seu caminho de morte, sem saída, não lhe restava senão fazer o caminho de retorno<sup>20</sup>. A tomada de consciência da perda total, e a pensar na riqueza do pai, permitiu-lhe 'dar a volta' à sua situação miserável e voltar ao seio do pai. A descida aos infernos da sua libertinagem, feita objecto de *meditação e oração*, repô-lo no caminho recto: «Caindo em si, pensou: "Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu, aqui, a morrer de fome!... Irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros"». Meditar é a saída para qualquer espírito que queira manter a sua dignidade e não se queira vaporizar.

O meditativo «cair em si» de quem vivia à flor da pele e ao ritmo das sensações primárias e imediatas fê-lo sair de si. Se a motivação que o fez partir foi a recordação do abastado império do pai – e não tanto o drama da dignidade perdida e da condição de filho malbaratada –, a meta a atingir estava bem vista. O pensamento pungente de que os jornaleiros viviam melhor do que ele, salvou-o, devolvendo-lhe a identidade de filho.

A atitude lúcida de pôr-se a caminho da casa do pai corresponde à essência da boa nova de Jesus: «arrependei-vos e acreditai no evangelho» (Mc 1,15; Mt 3,2). Esta *metanoia* ou *con-versão* é um deixar de olhar para o passado e um *voltar-se* para o futuro, iniciando uma vida nova: dois aspectos de um mesmo movimento da alma, que em hebraico se diriam com um só verbo, *šub*, *voltar* e *converter-se*. A autêntica confissão feita diante do pai é uma das mais claras e sentidas formulações bíblicas da confissão dos pecados e uma das orações mais sinceras que brotou da alma esgaçada de um arrependido, em linha com a do Salmo *Miserere*<sup>21</sup>. Mas, nessa altura já antecipadamente o filho estava salvo pelos beijos efusivos do pai.

---

<sup>20</sup> Cf. S. A. PANIMOLLE, «"Mi alzerò e andrò da mio padre!" Il ritorno del figlio peccatore: Lc 15,11-32», *Il ritorno* (Parola spirito e vita 22; EDB, Bologna, 1990) 141-172.

<sup>21</sup> Cf. C. M. MARTINI, *A sede de Deus. Lectio divina de alguns Salmos* (Paulinas, Lisboa, 2003) 86-87.

A gravidade da sua culpa foi reconhecida pela meditação: ofender um pai, a quem se deve a existência e tudo o que se é, é tão grave como atentar contra a fonte da vida. O comportamento indigno impedia-o de continuar a sentir-se filho, porque para um filho que não se comporta como filho torna-se difícil reconhecer o pai como pai. A devolução do traje, do anel e das sandálias (insígnias da filiação) simboliza a restituição da categoria de filho e da dignidade perdida no seio da família<sup>22</sup>.

O filho mais novo representa «os cobradores de impostos e os pecadores» (Lc 15,1-2). É o tipo de pessoa que ama a vida e gosta de a sorver às mãos cheias, querendo desfrutar dela depressa, mesmo que para isso tenha de servir-se de tudo e de todos para se satisfazer. É protótipo dos marginais, dos incrédulos, dos proscritos da sociedade, daqueles que, quando se emendam, têm grande capacidade de fazer festa e de se mostrarem gratos pelo dom recebido, conscientes de que todos os prazeres juntos, desgraçadamente já experimentados e que tanto vazio deixaram, não têm sentido em comparação com a alegria que sentem na casa do pai.

**A figura do pai** é dominante nesta história de reconciliação e está no vértice do triângulo de personagens, cujos lados são os dois filhos: é ele o magoado e ofendido com a ruptura do filho; é ele o protagonista da reconciliação (quem dá) e não o filho mais novo (quem recebe); é ele que deseja veementemente a reconciliação do filho mais velho com o mais novo, por meio do seu amor inclusivo, não exclusivo.

Por isso, já desde há muito se intitula mais apropriadamente esta narração a 'parábola do pai misericordioso', que também se poderia intitular 'parábola do pai pródigo': pródigo de dom, de amor e de perdão. Ele não é censor nem juiz severo; nem sequer menciona uma absolvição. É pai, não é paternalista. A sua é uma misericórdia que não humilha. Acolhe sem condições, perdoa sem censurar os desvarios do filho e até sem o deixar acabar o discurso preparado. Perdoando, cancela objectivamente a ofensa e dá ao filho uma oportunidade nova<sup>23</sup>. A ofensa ou o abandono do afecto

---

<sup>22</sup> Este gesto do pai evoca o do Faraó que pôs o próprio anel na mão de José, o revestiu de linho fino e lhe pôs ao pescoço o colar de ouro: Gn 41,41-42. Cf. R. H. RENGSTORF, *Die Re-Inventur des verlorenen Sohnes in der Gleichniserzählung Jesu*: Luk. 15,11-32 (Köln und Opladen, 1967) 9-14.

<sup>23</sup> Perdoar não é simplesmente desculpar. O pedido de desculpa poderia ser a tentativa de limpar a própria imagem; e concedê-la poderia ser um gesto cavalhei-

paterno não entra nas contas do pai. O perdão faz falhar todas as contas, que, neste caso, se fazem *de coração* e não *de cabeça*, com as «entranhas» e não com a matemática. O único que conta para ele é o regresso do filho. Diz-lhe que o ama pelo que ele é (filho) e como ele é; e isso basta. Olha para o filho, não para o seu pecado. Quer que o seu «pecado contra o céu [= Deus]» não deixe sequelas negativas. Agora, na memória do pai só cabia a dita do presente. Por obra e graça do amor, o pai vê com tal clareza o bem que está a acontecer que esquece o mal cometido. Este «ver» do pai é um olhar com os olhos do coração, que vê o essencial e gera a vida<sup>24</sup>. Não lhe importa que o filho tenha dilapidado o património da família; basta-lhe que tenha salvado a sua vida.

Com a ordem imediata de fazerem festa, apagou da memória o desgraçado passado do filho. O perdão e a alegria do pai anulam o pecador e fazem renascer o filho. Os seus sentimentos são tão fortes e autênticos que desencadeiam a «comoção das entranhas». Nem o abandono do mais novo, nem a mesquinhez do mais velho tiveram poder suficiente para derrotar a força do amor do pai. Nele, a morte não conseguiu vencer a vida; a fidelidade a si próprio obrigou-o a desvelar-se em solicitude para com o filho. Correria o risco de lhe ceder a herança, apesar de saber que a ia esbanjar e que ia abusar da liberdade de acção que lhe dava. Aceitou perdê-lo para o ganhar totalmente.

**O filho mais velho** aparece como fiel cumpridor das ordens do pai. O seu problema era o de pensar a relação com ele segundo a lógica do contratual, em vez de segundo a lógica do amor. Frio, calculista, era incapaz de amar gratuitamente e de se alegrar com o bem do irmão. Nessa concepção mesquinha da vida, quando as coisas não correm perfeitas, não se pode ser senão ressentido. E enquanto houver ressentimento não se pode ser feliz. Cheio de si próprio, ele estava bloqueado pelos seus mecanismos de defesa, especialmente pelo cumprimento meticuloso dos seus deveres. Esse *rigor* esterilizou nele a capacidade para compreender o *amor*.

---

resco ou, ao máximo, ostentação de generosidade. Perdoar tampouco é esquecer a ofensa: é recordá-la de modo diferente, banhada na misericórdia de Deus e na morte e ressurreição de Jesus. Cf. A. CENCINI, *Vivir en paz*. Perdonados y reconciliados (Bilbao, 1997).

<sup>24</sup> Como aconteceu quando Jesus «viu» a viúva de Naim que acabava de perder o seu filho único e «foi tomado de compaixão [comoveu-se nas suas entranhas]» por ela (Lc 7,13); ou quando o bom samaritano «viu» o assaltado e «foi tomado de compaixão [comoveu-se nas suas entranhas]» por ele (Lc 10,33).

O encerramento dentro de si próprio cegava-o para a ternura do pai e dava lugar ao *rancor*. Não sabendo saborear a ternura do pai, esta sabia-lhe a pouco e dava importância a coisas materiais: «nunca me deste um cabrito...». Não percebia que ‘amor só com amor se paga’ (e que isso não é propriamente paga); não percebia que a sua maior recompensa era estar permanentemente na casa do pai e em comunhão com ele; não percebia que o maior prémio que o filho pode ter é o inefável gozo de sê-lo. A busca de qualquer outra recompensa faz sair de casa, como sucedeu ao filho mais novo, ou impede entrar em casa, como no caso do filho mais velho.

O que mais soltou a ira e indignação do irmão mais velho foi a misericórdia de que o pai tinha feito gala<sup>25</sup>. Por isso, criticou exacerbadamente e com arrogância o seu comportamento para com o irmão, levando o pai a julgamento: «nunca transgredi uma ordem tua e nunca me deste um cabrito para fazer festa com os meus amigos; quando, porém, chegou esse teu filho, que dissipou os teus bens com prostitutas, mataste-lhe o vitelo cevado». O cumprimento da vontade do pai deveria servir para o aproximar dele, mas, ao contrário, levou-o fatuamente a exigências para com ele e ao desprezo do irmão. Não sabia o que significava ser «filho»; e, quando o descobriu no irmão, «recusou entrar» na nova relação, afectiva, com o seu pai, em vez de fazer festa pela vida recuperada e redescoberta na pessoa do irmão<sup>26</sup>. Ao olhar orgulhosamente para os próprios méritos, ficava de vista curta, incapacitado para reconhecer e aceitar o irmão como irmão: a expressão «esse teu filho» denuncia a quebra de relação com ele.

O pai corrige-lhe a visão desfocada e o tratamento dado ao pródigo, comprometendo-o e fazendo-o olhar para ele, não depreciativamente como «esse teu filho», mas justamente como «este teu irmão»; e até usa, só para ele, o termo mais afectuoso, *téknon*, «querido filho», diferente do usado no resto da narração, *hyiós*, simplesmente «filho». E mais um dado surpreendente, uma omissão clamorosa: enquanto a palavra *pai* sai cinco vezes dos lábios do filho mais novo, nunca sai da boca do filho mais velho!

---

<sup>25</sup> Cf. F. CONTRERAS MOLINA, *Un padre tenta dos hijos (Lucas 15,11-32)* (Verbo Divino, Estella, 1999) 45-205; P. GRELOT, «Le père et ses deux fils: Lc XV,11-32», *Revue biblique* 84 (1977) 322-323.

<sup>26</sup> Cf. J. RIUS-CAMPS, *El Éxodo del hombre libre*. Catequesis sobre el evangelio de Lucas (En torno al Nuevo Testamento 11; El Almendro, Córdoba, 1991) 255-256.

Este, obcecado pelo cumprimento escrupuloso de leis, não se comovia com a gratuidade do dom e da festa. A sua acção degenerou num jurídico 'dou-te para que me dês', reclamado como um direito. À declaração da observância de todas as leis o pai responde que o mais importante é que ele é seu filho e está sempre com o pai: «filho, tu estás *sempre* comigo e tudo o que é meu é teu». À observância externa de *preceitos*, o pai contrapõe a comunhão de *vida*. Ao *nunca* do filho responde o *sempre* do pai.

O essencial da parábola é o *festival da reconciliação*. De facto, a história de cada um dos filhos termina de forma idêntica, com um apelo efusivo do pai à necessidade de fazer festa e alegrar-se. Do mais novo diz: «Celebraremos um banquete de festa (*fagóntes eufranthōmen*), porque *este meu filho* estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado; e começaram a celebrar a festa (*eufrānesthai*)». Ao mais velho acrescenta: «Era necessário celebrar uma festa e alegrar-nos (*eufranthēnai kai kharēnai édei*), porque *este teu irmão* estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado». A celebração da festa sublinha que aquele que morria de fome e de solidão (15,16-17) reencontra a sua morada e restabelece as relações interpessoais com o pai, com a família e com os amigos. É a alegria transbordante de um pai que o é de todos os seus filhos e em cujo abraço cabem igualmente todos. A alegria, como todos os bens, tende a difundir-se e a ser partilhada<sup>27</sup>. A decisão de fazer festa, algo exterior, brota de espiritualidade e de sentimentos interiores: a «comoção das entranhas».

Esta ternura tão sentida do pai encerra também laivos de amor maternal para com o filho: vê-lo ao longe, comover-se nas suas entranhas, ir a correr ao seu encontro, lançar-se-lhe ao pescoço e cobri-lo de beijos é como introduzi-lo outra vez nas próprias *entranhas* e gerar de novo esse filho des-feito<sup>28</sup>. O pai é como que tocado no *seio maternal*, que gera a vida. O amor de pai é criativo e regene-

<sup>27</sup> *Bonum est diffusivum sui*. A alegria partilhada é o traço comum às três parábolas de «perdidos e achados» em Lc 15: «alegrai-vos *comigo*, porque encontrei a minha ovelha perdida»; «alegrai-vos *comigo*, porque encontrei a dracma perdida»; «vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque *este meu filho...* estava perdido e foi encontrado».

<sup>28</sup> O acto de misericórdia do pai está expresso em 15,20 pela raiz grega σπλάγχνον, que traduz o conceito hebraico de *raham*, *entranhas*: é um afecto compassivo, misericordioso, bondoso. Veja o fundo bíblico deste conceito em N. WALTER, «σπλάγχνον, *splānknon* en plural: los órganos internos, las entrañas, el «corazón», el anhelo entrañable, la misericordia», *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, II

rador: é por isso que poderá dar de novo a vida ao filho que «estava morto». A reconciliação é amor total e implica todas as dimensões, a paterna, a materna e a de amigo<sup>29</sup>. O filho pródigo, que tinha deixado a casa paterna por desejar ardentemente viver, recebe do pai uma abundância de vida que não tinha conhecido até ali. E percebe agora o que é amor.

Atendendo à arquitectura narrativa de toda a parábola, encontramos dois movimentos opostos que a percorrem, tendo como ponto de referência a casa do pai: um, de *convergência*, o do filho mais novo, pecador, que desde a distância se aproxima da casa do pai e entra no gozo da reconciliação; outro, de *divergência*, o do filho mais velho, observante, que desde a proximidade se afasta da casa e se auto-exclui da festa da reconciliação. Os dois filhos, cada um à sua maneira, fugiram da vida feliz, ou seja, de si próprios para 'o sem sentido', para a morte anunciada; o pai quer arrancá-los do poço da morte em vida e reconciliá-los com a vida intensa que eram eles próprios («este meu filho..., este teu irmão estava morto e voltou à vida»). A vida definitiva exprime-se aqui no acolhimento, na reconciliação, na ternura e na alegria.

### 3. Colação (*Collatio*)

Se a *lectio divina* for feita em grupo ou em família, a meditação desdobra-se na *partilha*, expondo cada pessoa o impacto humano e espiritual que o texto exerceu sobre si. Além da interpretação já oferecida, deixamos aqui mais algumas questões para ajudar a explorar a riqueza «infinita» da parábola.

O leitor pode sentir que na própria vida se terá comportado mais em conformidade com o filho pródigo, valdevinos, ou mais segundo a acção do filho mais velho, fiel cumpridor da vontade do pai. Mas, ao fim de contas, a postura *final* de cada um face ao pai é que conta. Por qual deles tem mais simpatia e atracção? Com qual deles consegue identificar-se mais? Porquê? Vale a pena levar uma

---

(eds. H. BALZ - G. SCHNEIDER) (Biblioteca de estudios bíblicos 91; Sígueme, Salamanca, 2002<sup>2</sup>) 1471-1473; e em H. J. STÖBE, nos seus três artigos: «*rhm* piel Tener misericordia», «*hnm* Ser compasivo» e «*hæsæd* Bondad», todos em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento* (eds. E. JENNI - C. WESTERMANN) (Cristiandad, Madrid, 1985) respectivamente vol. II, col. 957-966, vol. I, col. 815-829, e vol. I, col. 832-861.

<sup>29</sup> Para as imagens maternas de Deus no Antigo Testamento, leia-se particularmente Dt 32,6.18; Nm 11,12-14; Os 11,1-4; Is 42,14; 45,10; 49,15-16; 64,7; 66,13.

vida desgraçada como a do filho pródigo para sentir a alegria do acolhimento do pai? Mas, uma vez lançado ladeira abaixo em direcção ao precipício, tem a certeza de que haverá forças e oportunidade para travar a tempo de evitar a queda fatal no precipício?

Embora a figura do pai da parábola personifique Deus, as suas atitudes para com cada um dos filhos também podem questionar o relacionamento dos pais com os seus filhos. Se é pai ou mãe, que sentimentos lhe inspira o pai da parábola? Educou os filhos na liberdade para a felicidade? Foi liberal e generoso em demasia?

O sentido da paternidade está hoje em crise. Debata os conteúdos deste depoimento: «O vínculo entre pai e filhos tem-se debilitado, sobretudo pela fragilidade do vínculo conjugal... Existe uma correlação entre o sentido da paternidade e o sentido religioso da existência. Diferentemente da maternidade, claramente física, a paternidade passa irredutivelmente pela mediação da palavra: palavra no matrimónio ou palavra de reconhecimento do filho». Assim, «dá-se uma afinidade particular entre paternidade e palavra, como também entre paternidade e confiança». De qualquer forma, a paternidade não se realiza só no âmbito familiar: «o pai descobrirá a sua identidade de pai em relação com outros pais... E «é importante para o filho descobrir à sua volta uma constelação paterna»<sup>30</sup>.

Tradicionalmente, o pai é visto sobretudo como figura de autoridade na família. Nesta parábola e nos evangelhos em geral a paternidade divina manifesta-se menos na autoridade do que na bondade radical. Se a Bíblia parte das relações parentais para falar de Deus, não as eleva a modelos: transfigura-as. Deus supera o comportamento corrente dos pais humanos. Ou seja, não é a paternidade ou maternidade humana, socialmente conhecida, que serve de modelo para falar da paternidade divina. É a paternidade divina, expressa na Bíblia, que visa ser modelo e interpelação para os leitores. A única autoridade que caracteriza o pai da parábola é uma autoridade de amor e compaixão<sup>31</sup>. É nesse sentido que Deus é onnipotente. Que imagem de Deus o influencia efectivamente na

---

<sup>30</sup> Assim opinou o Professor Xavier LACROIX, autor de ensaios sobre a paternidade e docente da Universidade Católica de Lyon, no Simpósio Europeu de Docentes, que teve lugar na Universidade Pontifícia Lateranense de Roma. Referiu que na França, em caso de divórcio, «nove de cada dez filhos são confiados à mãe e o pai abandona ou deve abandonar o lar». Fonte: *Internet*, no sítio ZENIT.org, no dia 29.6.2004.

<sup>31</sup> Cf. P. GRELOT, «Le vocabulaire biblique de la compassion», *La vie spirituelle* 728 (1998) 421-432.

vida? Quando reza o «Pai-nosso» tem em mente esta imagem do pai da parábola? Como encontra/vê Deus na sua vida? Que faz para se sentir efectivamente filho/filha de Deus Pai?

#### 4. Contemplação (*Contemplatio*)

A parábola encerra o núcleo duro do evangelho de Jesus e do cristianismo, pois nela está em questão a *imagem do verdadeiro Deus*. Como é compreensível no género literário 'parábola', esta não deixa soar o nome de Deus, nem uma só vez. Mas Ele está por trás de cada uma das palavras e das atitudes do pai da história, revela-se e deixa-se contemplar nelas. O comportamento dele traduz o plano de reconciliação de Deus, Pai misericordioso, levado a cabo pelo Filho. Na actuação do pai, o género literário de parábola deixa intuir a maneira de ser de *Deus para nós*: é um «Deus por nós»<sup>32</sup>. A parábola «pode ser justamente considerada como o ponto culminante da revelação que nos sinópticos Jesus faz de um Deus que é amor»<sup>33</sup>. De facto, o que sobressai no pai da parábola é o seu amor «entranhado», terno, e a sua misericórdia ilimitada para com cada um dos filhos. A sua atitude de amor extremo e extremoso deixa entender que é na misericórdia que perdoa e acolhe que está o limite imposto ao mal moral. Por meio da parábola, Jesus acena com o amor de Deus aos pecadores arrependidos<sup>34</sup>.

O Deus aqui revelado por Jesus é um Deus que procura e vai ao encontro da pessoa perdida. Lendo a parábola sobre o fundo da crítica às autoridades religiosas judaicas, a mensagem comunicada também soa assim: Deus alegra-se quando o que «estava perdido foi recuperado». A simples possibilidade de o seu amor e perdão serem acolhidos é motivo de festa. A intenção de Jesus, ao «comer com os pecadores» e ao contar a parábola aos «fariseus e escribas letrados», era reconciliá-los com Deus e abri-los à sua salvação. Ao estes julgarem que não precisavam de arrependimento (Lc 15,7), *separa-*

---

<sup>32</sup> Rm 8,31. Cf. R. PESCH, «Zur Exegese Gottes durch Jesus von Nazareth. Eine Auslegung des Gleichnisses vom Vater und den beiden Söhnen (Lk 15,11-32)», *Jesus, Ort der Erfahrung Gottes*. Festschrift B. Welte (herg. B. CASPER) (Herder, Freiburg, 1976) 140-189.

<sup>33</sup> J. DUPONT, «Il padre del figliol prodigo (Lc 15,11-32)», *Dio è amore* (dir. S. A. PANIMOLLE) (Parola spirito e vita 10; EDB, Bologna, 1984) 121.

<sup>34</sup> Cf. F. RAMIS DARDER, *Lucas, evangelista de la ternura de Dios*. Diez catequesis para descubrir al Dios de la misericordia (La casa de la Biblia - Verbo Divino, Estella, 1997) 39-50; A. GÖTTMAN (ed.), *L'évangile de la miséricorde* (Cerf, Paris, 1969).

vam-se efectivamente de Deus (*fariseu*, em hebraico e aramaico, quer dizer «separado»): eles eram os perdidos que precisavam de ser encontrados<sup>35</sup>. É que a Bíblia entende a misericórdia, não a partir dos sentimentos, mas a partir da fidelidade de Deus à aliança. A sua força impulsionadora é o amor dentro da aliança. Portanto, a misericórdia é o comportamento conforme à aliança com o seu povo, mesmo quando este se perdia.

O modo de ser do Deus de Jesus fica ulteriormente ilustrado pelas posturas dos filhos. O mais novo está disposto a renunciar ao nome de «filho» e a aceitar a condição de «assalariado» bem pago («trata-me como um dos teus jornaleiros»); imagina que aquele que continua a considerar como pai poderia adoptar a seu respeito o papel de *patrão*. Por seu lado, o mais velho fala do pai como de um *patrão* a cujo serviço trabalha como escravo: «há tantos anos que te sirvo como escravo [*douléuō*]... e nunca me deste um cabrito». O pai rechaça essa possibilidade, tanto em relação a um como ao outro filho: nenhum dos dois compreendia a autêntica relação pai-filho. A diferente concepção de Deus suscita duas formas de reacção em quem d'Ele se desviou: quem crê num Deus-misericórdia tem dor pela ofensa e pede confiadamente perdão; quem crê num Deus-patrão tem medo da sua justiça equitativa e procura satisfazê-la e apaziguá-la<sup>36</sup>.

Realmente, a ideia que todos os fiéis observantes das leis judaicas tinham de Deus era a de um pai patrão que paga equitativamente o merecido, não a de um pai misericordioso que dá por magnanimidade e cuja maior alegria é perdoar. Isso de obter a felicidade gratuitamente, por um golpe fulgurante da generosidade divina, exorbitava da lógica religiosa dos doutores da lei, figurados no filho mais velho<sup>37</sup>.

<sup>35</sup> Cf. J. D. KINGSBURY, *Conflicto en Lucas*. Jesús, autoridades, discípulos (En torno al Nuevo Testamento 15; El Almendro, Córdoba, 1992)149-150.

<sup>36</sup> Cf. F. STAUDINGER, «ἔλεος *eleos* compasión, misericordia», *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, I (eds. H. BALZ - G. SCHNEIDER) (Biblioteca de estudios bíblicos 90; Sígueme, Salamanca, 2001<sup>2</sup>) 1310-1318; R. BULTMANN, «ἔλεος», *Grande lessico del Nuovo Testamento*, IV (eds. G. KITTEL - G. Friedrich) (Paideia, Brescia, 1967) 399-424.

<sup>37</sup> «Encontramo-nos perante um novo ponto de partida nas relações de Deus com o homem; novo, sobretudo porque a sua graça é oferecida a quem não a merece... Jesus lançou a rede e apanhou tudo o que pôde. O seu chamamento não se perdeu no ar. Os proscritos acudiam ao reino de Deus como acodem as aves para se recolherem nas ramas de uma árvore frondosa... E para os que aceitaram o reino de Deus tudo foi felicidade, como num banquete de bodas. O êxito do chamamento pro-

Segundo os evangelhos, a grande preocupação de Jesus não foi anunciar o Deus da Lei veterotestamentária, já esgotada na moral casuística dos fariseus, mas proclamar o Deus do perdão libertador. Definiu-o mesmo como Pai misericordioso («sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso»: Lc 6,36), que se alegra com o arrependimento e a conversão dos pecadores<sup>38</sup>. A parábola do pai misericordioso encerra duas atitudes de Jesus no evangelho: misericórdia para com os pecadores, crítica/abertura para com os doutores da Lei<sup>39</sup>.

A eficácia da parábola passa muito pelo efeito chocante que causa a atitude do pai: supera as expectativas de ambos os filhos, não agindo segundo os 'razoáveis' e curtos critérios de justiça equitativa, mas segundo os critérios de relações amigas gratuitas. Não paga; ama. Não admoesta; abraça. Não castiga; faz festa. Respeita sem se desinteressar, espera sem se ressentir, chama sem coagir<sup>40</sup>. Quando o extraviado volta para casa do Pai, descobre que Deus sempre esteve à sua espera. Porventura o mais importante nesta parábola é o que não é dito expressamente mas só insinuado: que nem a fuga da vida nem o fechamento à vida são importantes na relação do ser humano com Deus. O importante é saber que se tem, sempre e mesmo nas piores situações, um pai de braços abertos à reconciliação, cujo plano é dar vida e estar do lado do afastado. A parábola é um convite, «aos que estão longe e aos que estão perto»<sup>41</sup>, a regressarem sempre à casa do Pai, ao reino de Deus, e a experimentarem n'Ele o gozo da plenitude vital.

duziu escândalo. Como podia ser isso o reino de Deus, quando todas as salvaguardas morais, laboriosamente levantadas pelos mestres da Lei, eram deixadas de lado e a gente de má vida era bem recebida entre os discípulos? Aos que alegavam tais objecções Jesus falava em parábolas... Mesmo que o filho mais novo de uma família tenha afundado no lodo o nome do pai, não está bem que o seu irmão mais velho o rechace se o pai goza em recebê-lo quando finalmente regressa a casa. Mas, de facto, nada disso constitui mérito diante de Deus»: C. H. DODD, *Las parábolas del reino* (Epifanía 6; Cristiandad, Madrid, 1974) 187-188.

<sup>38</sup> Cf. T. KOEHLER, «Misericorde», *Dictionnaire de spiritualité. Ascétique et mystique, doctrine et histoire*. Tomo X (Beauchesne, Paris 1979) 1313-1328; J. CAMBIER - X. LÉON-DUFOUR, «Misericordia», *Dizionario di teologia biblica* (dir. X. LÉON-DUFOUR) (Marietti, Torino, 1971<sup>4</sup>, completamente rifiuta e ampliata) 699-705.

<sup>39</sup> Cf. H.-H. ESSER, «Misericordia», *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, III (eds. L. COENEN - E. BEYREUTHER - H. BIETENHARD) (Sígueme, Salamanca, 1983) 99-106.

<sup>40</sup> Cf. F. BOVON, *L'oeuvre de Luc. Études d'exégèse et de théologie* (Lectio divina 130; Cerf, Paris, 1987) 29-71.

<sup>41</sup> Is 57,19; Ef 2,11-18.

## 5. Em vista da acção (*Actio*)

Se a parábola é um acontecimento linguístico, uma pequena maravilha do ponto de vista literário, ela é sobretudo um acontecimento existencial, que faz sair a pessoa da auto-suficiência e da inércia para se empenhar num diálogo reconciliador<sup>42</sup>: revela o coração de Deus como Pai e desvela o coração do ser humano a si próprio, que luta consigo entre o tender para Deus e o fugir d'Ele<sup>43</sup>. Dá a entender que a reconciliação consiste em eu me libertar de mim e dos meus esquemas de defesa e ir para o outro e para o totalmente Outro, representado pelo pai<sup>44</sup>. Como nas relações comerciais e económicas o aumento da riqueza supõe a circulação de bens e de dinheiro, assim também nas relações humanas e com Deus: o dar-se não é perder mas ganhar-se a si próprio, na medida em que se deixa adquirir por aquele a quem se dá: «este meu filho estava perdido e foi encontrado». É exactamente o que diz Paulo em 2 Cor 5,14-15: «um morreu por todos..., para que os que vivem *já não vivam para si mesmos* mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles». A reconciliação é eu abrir-me, para me encontrar recebido na misericórdia do Outro, que me devolve a mim próprio, enriquecido com o seu dom.

De facto, o conceito de *existência* etimologicamente aponta para a ideia de *saída de si* [*ex-sistere*], querendo dizer que viver verdadeiramente consiste em relacionar-se com o outro. «O Deus de Jesus é Pai, cujo amor para com os humanos é indefectível e incondicionado. Desta parábola, porém, emerge a ideia de que, para compreender este amor, é preciso que o homem seja capaz de um coração de filho. E isso não lhe será possível se é incapaz de aceitar que os outros sejam filhos do mesmo Pai, ou seja, de amá-los como irmãos. O amor com que Deus nos ama só pode ser descoberto com

<sup>42</sup> Cf. E. RASCO, «Le parabole di Luca XV, *Da Gesù ai vangeli* (a cura di I. de la POTTERIE) (Sulle vie del Concilio; Cittadella, Assisi, 1971) 229. Oferece bibliografia abundante sobre a 'parábola do filho pródigo'. Ver ainda C. E. CARLSTON, «Reminiscence and Redaction in Luke 15:11-32», *Journal of Biblical Literature* 94 (1975) 368-375.

<sup>43</sup> Cf. Y. CONGAR, *Jesus Cristo* (Galáxia 21; União Gráfica, Lisboa, 1969) 115-138.

<sup>44</sup> Cf. V. TORRES, *Enseñar en parábolas*. Actualidad pedagógica y didáctica de un estilo sin tiempo (Cuadernos de teología Deusto 6; Universidad de Deusto, Bilbao, 1996) 11-41.

o exercício do amor fraterno»<sup>45</sup>. O cúmulo da paternidade de Deus é ter filhos que se reconhecem como irmãos.

A parábola, que se dirige aos «fariseus e doutores da lei» (Lc 15,1-3), convida-os a terem um coração tão grande como o de Deus misericordioso em acolher o irmão pecador. Eles, enfiados em leis, não captaram o amor do pai. Jesus, porém, lança-lhes uma ponte de reconciliação, sugerindo, pelos mecanismos narrativos da parábola, que deponham a intolerância em relação aos *outros*, deixem de dividir o mundo em dois blocos e entrem na casa do pai comum<sup>46</sup>.

Na recusa que a parábola faz da atitude do filho mais velho, dirige-se também a grupos religiosos que têm por regra constitutiva cumprir leis, normas, ordens, ordenações, mandamentos, preceitos, prescrições. Ao perigo de transformar o evangelho num código, Jesus num legislador e a Igreja numa instituição ordenada responde-se com Paulo: «para sermos livres é que Cristo nos libertou: mantende-vos, pois, firmes e não vos deixeis oprimir de novo sob o jugo da escravidão» (Gl 5,1). O homem que está sob a lei está sob o homem da lei? «Não estais sob o poder da lei mas sob o império da graça» (Rm 6,14). Jesus, compreensivo na parábola para com os chamados pecadores, é implacável para com os profissionais da virtude; e ao legalismo opõe a amizade, a verdade interior e a comunhão com o Pai no Espírito da Verdade. São duas concepções do relacionamento com Deus, subjacentes aos dois filhos da parábola.

A parábola detém-se bruscamente, sem passar do movimento em tensão para o descanso final. Parece inacabada. Mas não. De propósito, o final fica suspenso, aberto à decisão pessoal dos ouvintes («fariseus e doutores da lei») e do leitor, convidando-os ao reino da alegria, onde ainda falta o irmão mais velho, que permanece fora. Com a parábola, Jesus quer ajudar os 'respeitáveis' observantes a superarem o escândalo perante a «boa nova» e a encontrarem a grande alegria que o evangelho acarreta. Deixar-se-ão convencer

---

<sup>45</sup> J. DUPONT, «Il padre del figliol prodigo (Lc 15,11-32)», *Dio è amore* (dir. S. A. PANIMOLLE) (Parola spirito e vita 10; EDB, Bologna, 1984) 133-134.

<sup>46</sup> «A parábola foi proferida para homens que se parecem ao irmão mais velho, isto é, a homens que se escandalizam do evangelho. Havia que atingi-los na consciência. Jesus diz-lhes: Tão grande é o amor de Deus para com os seus filhos perdidos e vós estais sem alegria, sem amor, mal agradecidos e justos perante os vossos próprios olhos! Sede também misericordiosos! Não sejais insensíveis!... Alegrai-vos comigo!»: J. JEREMIAS, *Interpretación de las parábolas* (Buena noticia 12; Verbo Divino, Estella, 1982) 117-118; cf. pp. 114-119.

a entrar ou obstinar-se-ão na rejeição? É o drama da escolha face à mensagem e à pessoa de Jesus no evangelho de Lucas. O desafio que se põe é entrar ou não no jogo da reconciliação. O amor de Deus convida a ir sempre mais longe, a dar um passo em frente para entrar no movimento de perdão, acolhido e acolhedor. Não é possível uma verdadeira reconciliação entre os homens sem reconciliação com Deus e vice-versa. Não há na Bíblia ensino mais claro do que este<sup>47</sup>.

Ao introduzir nas relações humanas a lógica do perdão e da misericórdia, a parábola humaniza-as e amacia-as. De facto, por vezes só a misericórdia consegue romper a espiral de inimizades e conflitos interpessoais, em larga escala ou em círculo estreito. A eficácia do amor misericordioso de Deus no ser humano redimido demonstra-se para o exterior no espírito do amor fraterno.

Jesus Cristo ensinou que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, mas também é chamado a «ter misericórdia» para com os demais. «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5,7). A Igreja vê nestas palavras um apelo à acção e esforça-se por praticar a misericórdia<sup>48</sup>...

*A misericórdia autêntica é, por assim dizer, a fonte mais profunda da justiça...* É ainda, em certo sentido, *a mais perfeita encarnação da «igualdade»* entre os homens e, por conseguinte, também a encarnação mais perfeita da *justiça...* O amor misericordioso implica também ternura, compaixão e sensibilidade do coração, de que tão eloquentemente nos fala a parábola do filho pródigo... O mundo dos homens só se *tornará mais humano* se introduzirmos no quadro multiforme das relações interpessoais e sociais, juntamente com a justiça, o «amor misericordioso» que constitui a mensagem messiânica do Evangelho... O perdão atesta que no mundo está presente *o amor mais forte do que o pecado...* Um mundo do qual se eliminasse o perdão seria apenas um mundo de justiça fria e irrespeitosa, em nome da qual cada um reivindicaria os próprios direitos em relação aos demais...

É evidente que exigência tão generosa em *perdoar não anula as exigências objectivas da justiça*. A justiça bem entendida constitui,

---

<sup>47</sup> «À luz desta inesgotável parábola da misericórdia que apaga o pecado, a Igreja... compreende a sua missão de empenhar-se, seguindo as pegadas do Senhor, pela conversão dos corações e pela reconciliação dos homens com Deus e entre si»: JOÃO PAULO II, Exortação pós-sinodal *Reconciliatio et poenitentia*, 5-6 (A.O., Braga, 1985).

<sup>48</sup> Sobre esta afirmação do Papa João Paulo II, cf. M.-J. HUGUENIN, «L'Église de la miséricorde», *Teresianum* 44 (1993) 269-281.

por assim dizer, a finalidade do perdão... O perdão manifesta que, além do processo de «compensação» e de «trégua» que é a característica da justiça, é necessário o amor para que o homem se afirme como homem... Ao analisarmos a parábola do filho pródigo, dirigíamos a atenção para o facto de que aquele *que perdoa e o que é perdoado* se encontram num ponto essencial, que é a dignidade, o valor essencial do homem, e cuja afirmação ou reencontro é origem da maior alegria<sup>49</sup>.

Por força da mentalidade racionalista e laicista e da insistência na justiça e nos direitos das pessoas, impera hoje uma mentalidade que induz os que falam de misericórdia a sentirem-se quase envergonhados. Perante tal dado de facto, só se pode lamentar que os cristãos deixem esvaziar de conteúdo e tornar insignificantes o amor e a misericórdia, que são a fina flor das relações sociais e os meios mais eficazes da transformação do ser humano e da sociedade. Direito e misericórdia não são contraditórios mas complementares. A vida sai menos dura e desumana quando o direito e a justiça são lubrificados pela misericórdia e capacidade de perdão<sup>50</sup>. Embora «misericórdia» seja uma palavra estafada na linguagem profana, realmente ela é uma qualidade do amor mais fiel e generoso, desinteressado, respeitador e gratuito, sem deixar de ser exigente. É um movimento que se exprime de maneira criativa, suscitando ser e vida nos beneficiários dela<sup>51</sup>.

Quem se sente beneficiário da misericórdia de Deus na linha da parábola vive de maneira diferente de como viveria no caso de sentir Deus como um juiz que pede rigorosas contas daquilo que a pessoa faz. A esperada consequência de experimentar a anterioridade da misericórdia de Deus deveria ser a misericórdia dos humanos entre si, como resposta agradecida: «não deverias tu também ter tido misericórdia do teu companheiro como eu tive misericórdia de ti?»<sup>52</sup>. O perdão vertical de Deus tende a obter uma ressonância no perdão horizontal humano, sem conta nem medida, até ao ponto de aquele que perdoa não saber o que o perdoado fará do seu

---

<sup>49</sup> JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dives in misericordia*, 14 (A.O., Braga, 1986<sup>4</sup>) 54-58.

<sup>50</sup> Cf. J.-P. ARFEUIL, «Soyez miséricordieux...», *La vie spirituelle* 699 (1992) 169-175.

<sup>51</sup> Cf. R. de ANDRÉS, *Diccionario existencial cristiano* (Verbo Divino, Estella, 2004) 304-306.

<sup>52</sup> Mt 18,23-35. Cf. H. FRANKEMÖLLE, *In Gleichnissen Gott erfahren* (Stuttgart, 1977) 103-107.

perdão<sup>53</sup>. O pedido e a oferta de perdão não são sintoma de fraqueza mas de grandeza de alma e encarnação de uma atitude divina na sociedade humana, na certeza de que só o perdão é capaz de libertar do ódio e do ressentimento, tornando a pessoa livre<sup>54</sup>. Sentir-se totalmente perdoado é sentir-se salvo.

Emitindo a parábola uma forte mensagem de reconciliação, não se aplica só a situações de ruptura radical. Realiza-se igualmente, gerando um clima de reconciliação contínua e de harmonia interior, fazendo de cada leitor uma pessoa reconciliada consigo própria, que se sente bem com a vida.

## 6. Oração (*Oratio*)

A oração responde a Deus que se revela. Brota da escuta da sua palavra entendida e meditada, que o contempla sobretudo como Pai misericordioso. Particularmente neste caso, «a oração é um grito de súplica à misericórdia de Deus»<sup>55</sup>.

Pai sumamente bondoso e cheio de misericórdia, sinto que me amas de coração quando abandono o teu reino de amizade e de harmonia, para procurar a vida e a liberdade longe de ti. Como se esta fosse possível!... E não desistes de me amar com amor paciente, à espera de mim. Faz-me sentir o teu desejo do meu regresso à tua casa. Permite que a escuta assídua da tua Palavra me dê o sentido de abertura ao teu coração de Pai, para receber graça e perdão... e perspectivas para um vida sempre renovada. «Pela tua grande misericórdia, gera-me de novo para uma esperança viva» (1 Pe 1,3). Que em cada situação de perda ou desgraça eu saiba encontrar o Caminho para a salvação.

Amas-me ainda quando fico em tua casa, a cumprir servilmente a tua vontade, como um servo, não percebendo que sou amado como filho. Que «a lei do Espírito que dá vida em Cristo Jesus» (Rm 8,2) me faça perceber as surpresas e a riqueza do teu amor misericordioso, para eu não viver a minha liberdade afastado da tua vontade. Faz com que eu não me sinta no teu reino como um

---

<sup>53</sup> Cf. M. DUMAIS, *À la rencontre d'un Dieu-Amour*. Dieu le Père dans la Bible (Médiaspaul, Montréal-Paris, 1999) 11-46.61-96; IDEM, *L'actualisation du Nouveau Testament*. De la réflexion à la pratique (Lectio divina 107; Cerf, Paris, 1982) 63-95.

<sup>54</sup> Cf. M. A. VÁZQUEZ MEDEL, «El perdón libera del odio. Lectura estructural de Lc 15,11-32», *Communio* (esp.) 11 (1978) 271-312.

<sup>55</sup> JOÃO PAULO II, Carta encíclica *Dives in misericordia*, 15 (A.O., Braga, 1986<sup>4</sup>) 59.

servo que obedece para obter uma qualquer recompensa, mas como filho que se apercebe de que a maior recompensa que pode ter é amar e ser amado e «estar sempre contigo», como irmão de todos os que se encontram comigo<sup>56</sup>.

«Deus, rico em misericórdia», mesmo nas sociedades materialmente mais desenvolvidas há misérias que precisam de misericórdia e vidas partidas que precisam de um coração compassivo; sempre haverá dispensáveis e esquecidos, proscritos e desanimados, desprezados e incompreendidos, solitários e «inúteis», cujo vazio não pode ser preenchido, nem pela segurança social mais sofisticada. Sempre haverá os alquebrados sob o peso da falta de sentido para a vida. Este mundo é uma casa de dor, de angústia e desespero. Que a «boa nova» do teu Filho seja o conforto de todos os desfeitos e desfeiteados deste mundo e se sintam salvos nele e acolhidos na tua casa de Pai. Amen.

ARMINDO DOS SANTOS VAZ

---

<sup>56</sup> Cf. F. MANENTI, *Para vivermos como filhos. 3: Lectio divina* sobre os evangelhos feriais do tempo da Quaresma (Paulinas, Prior Velho, 2004) 78; G. ZEVINI - P. G. CABRA (eds.), *Lectio divina per ogni giorno dell'anno. 3* (Queriniana, Brescia, 1999-2002) 164.